



## RELATO DE EXPERIÊNCIA: IDENTIDADES E CORPOS SILENCIADOS NO ENSINO DE BIOLOGIA<sup>1</sup>

Cleber Souza Meneses<sup>2</sup>  
Heloísa Mahiru Torres Rodrigues<sup>3</sup>  
Alice Alexandre Pagan<sup>4</sup>

### RESUMO

A escola deveria acolher e valorizar a diversidade de sua comunidade, mas ainda predomina uma lógica cisheteronormativa que silencia e marginaliza vivências dissidentes, especialmente no ensino de Biologia. Este artigo relata uma oficina realizada com pessoas LGBTQIAPN+ e uma pessoa cis-heterossexual de municípios do Mato Grosso, com o objetivo de promover escuta e análise crítica sobre suas experiências escolares na disciplina. A oficina<sup>5</sup> envolveu três etapas: acolhimento com símbolos identitários, análise de livros didáticos de Biologia e produção de cartas utilizando a metodologia do filme-carta. A atividade revelou tanto os mecanismos de exclusão quanto as estratégias de resistência dos participantes, defendendo a revisão curricular e a adoção de práticas pedagógicas inclusivas.

**Palavras-chave:** LGBTQIA+; cartas-filme; educação inclusiva; gênero. sexualidade.

### INTRODUÇÃO

A escola, enquanto espaço formativo, deveria acolher e valorizar a diversidade de sua comunidade. Contudo, ainda predomina uma lógica cisheteronormativa que silencia, exclui e marginaliza vivências dissidentes, sobretudo no que se refere às identidades de

---

<sup>1</sup> Este estudo foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio de uma bolsa de pós-doutorado concedida, e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (FAPEMAT);

<sup>2</sup> Doutor em Sociologia (UFS) e Professor de Sociologia da Universidade Federal de Rondonópolis, [cleber.meneses@ufr.edu.br](mailto:cleber.meneses@ufr.edu.br);

<sup>3</sup> Bióloga e Mestre pelo Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Biologia em Rede Nacional – PROFBIO, da Universidade Federal do Estado de Mato Grosso - UFMT [prof.helobio@gmail.com](mailto:prof.helobio@gmail.com);

<sup>4</sup> Professora orientadora: Bióloga, Doutora em Educação, professora na Rede Nordeste de Ensino-RENOEN, da Universidade Federal de Sergipe-UFS e professora da Universidade Federal do Mato Grosso-UFMT, Cuiabá (MT), [alice.pagan@ufmt.br](mailto:alice.pagan@ufmt.br).

<sup>5</sup> Para acessar o documentário da oficina acessar o link: <https://encurtador.com.br/U9Rha>, Para acessar o roteiro da oficina para aplicação, acessar o link: <https://encurtador.com.br/SQbqO>.



gênero e sexualidade. Esse silenciamento é evidente no ensino de Biologia, que, ao abordar temas como reprodução, corpo e sexualidade, frequentemente reforça visões biologizantes e normativas, desconsiderando abordagens críticas e inclusivas.

Este artigo apresenta o relato de uma oficina realizada com pessoas LGBTQIAPN+ e uma pessoa cis-heterossexual dos municípios de Cuiabá, Cáceres, Rondonópolis e Vila Bela da Santíssima Trindade (MT). A atividade integrou uma pesquisa de mestrado e um projeto de pós-doutorado, com o objetivo de criar um espaço de escuta, expressão e análise crítica sobre experiências escolares ligadas ao ensino de Biologia. Com idades entre 20 e 50 anos, os/as participantes foram convidados/as a revisitar suas memórias da Educação Básica e refletir sobre os impactos da disciplina em suas identidades e vivências.

A oficina foi dividida em três momentos: uma dinâmica de acolhimento com símbolos identitários; a análise crítica de livros didáticos de Biologia, com foco em gênero, sexualidade e corpos não normativos; e a produção de cartas utilizando a metodologia do filme-carta, que articula narrativa escrita e linguagem audiovisual. A atividade evidenciou tanto os mecanismos de exclusão e invisibilidade vividos nas escolas quanto as estratégias de resistência desenvolvidas pelos/as participantes.

Ao trazer essas vozes para o centro do debate, o relato aponta para a urgência de práticas pedagógicas mais inclusivas e metodologias que promovam a escuta e a reconstrução de trajetórias marcadas pelo silenciamento. Defende-se, assim, a revisão dos currículos, da formação docente e das políticas educacionais para uma Biologia que reconheça e valorize a pluralidade de corpos e identidades presentes na escola.

## **METODOLOGIA**

A oficina integrou dois projetos de pesquisa: o mestrado de Heloísa Mahiru, *Cinema e Ensino por Investigação: refletindo sobre corpos silenciados no ensino de Biologia*, e o pós-doutorado de Cleber Meneses, *Mente Serena +Saúde: equilíbrio emocional e vulnerabilidade às IST/AIDS na comunidade estudantil de Mato Grosso no pós-pandemia da Covid-19*, ambos sob orientação da professora Dra. Alice Alexandre Pagan (UFMT). As pesquisas foram aprovadas pelo Comitê de Ética (CAE



75198523.7.0000.8124). A oficina resultou na produção de três episódios do documentário *Corpos silenciados no ensino de Biologia*.

A primeira etapa consistiu em uma dinâmica de acolhimento, com o objetivo de criar um espaço seguro para o compartilhamento de vivências relacionadas a identidade, gênero e sexualidade. Cada participante escolheu imagens ou objetos simbólicos — como peruca afro, imagem de Oxum, microfone, chuteira, fotos de famílias homoafetivas e pessoas trans, dentre outros — que representassem aspectos de suas identidades. A atividade teve duração de cerca de 90 minutos e promoveu uma escuta sensível, permitindo que os participantes expressassem vulnerabilidades, dores e resistências em um ambiente de confiança.

O segundo momento envolveu a análise crítica de livros didáticos de Biologia, com foco na presença (ou ausência) de conteúdos sobre gênero, sexualidade e diversidade corporal. Divididos em grupos, os participantes receberam roteiros de estudo com perguntas orientadoras e materiais previamente selecionados. A discussão, com duração aproximada de duas horas, destacou a escassez de abordagens críticas sobre corpos dissidentes, revelando uma forte tendência à normatização e invisibilização dessas temáticas nos livros escolares.

A etapa final consistiu na dinâmica do “filme-carta”, que envolveu a produção de cartas escritas pelos/as participantes a partir de perguntas norteadoras sobre suas experiências na Educação Básica. As cartas abordaram sentimentos vivenciados no ambiente escolar, formas de sociabilidade, memórias relacionadas à identidade de gênero e orientação sexual, bem como a representatividade (ou sua ausência) no ensino de Biologia. Algumas foram lidas e registradas em vídeo, respeitando-se integralmente o desejo daqueles/as que optaram por não participar da gravação. A atividade permitiu que emergissem narrativas potentes sobre exclusão, silenciamento e resistência, reforçando a importância de repensar o currículo escolar a partir das vivências dos sujeitos. Esta etapa teve duração aproximada de duas horas.



## REFERENCIAL TEÓRICO

A sexualidade, entendida como a expressão de prazeres, afetos e sensações (Foucault, 1984), é parte essencial da vida humana, diretamente ligada à saúde, ao cuidado de si e à convivência social. No entanto, questões como gênero, orientação sexual e diversidade corporal ainda enfrentam resistência no ambiente escolar, frequentemente silenciadas por discursos conservadores e pela padronização curricular.

O currículo escolar vai além da seleção de conteúdos: ele é também um espaço de disputa simbólica, onde determinados saberes e valores são legitimados, enquanto outros são excluídos (Sacristán, 2013). No ensino de Biologia, isso se evidencia na forma como os corpos são apresentados: fragmentados, descontextualizados e reduzidos a aspectos anatômicos e fisiológicos, desconsiderando dimensões sociais e culturais (Silva, T. T., 2010).

Embora os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) reconheçam desde 1997 a importância da transversalidade da sexualidade, a BNCC de 2017 omitiu discussões sobre identidade de gênero e orientação sexual, o que representa um retrocesso frente às lutas por uma educação mais inclusiva (Nascimento; Chiaradia, 2017). Essa exclusão impacta especialmente o ensino de Biologia, que, ao reforçar uma visão biologizante e binária dos corpos, limita o potencial crítico e investigativo dos estudantes (Freitas; Pinto; Pimenta, 2021; Silva; Souza; Santos, 2023). Como apontam Esquinsani e Sobrinho (2020), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ao omitir de forma sistemática as discussões sobre gênero e sexualidade, institucionaliza o silenciamento e contribui para a manutenção de uma escola que invisibiliza as diversidades.

O silenciamento de temas como a intersexualidade reforça a normatividade corporal. Preciado (2020) lembra que uma em cada 1.500 crianças nasce com características genitais que não se enquadram nas categorias binárias, e que tais corpos devem ser reconhecidos e respeitados. A escola, no entanto, ainda reproduz uma visão médica e jurídica que historicamente tratou esses corpos como anômalos ou monstruosos (Foucault, 2001; Silva, M. V., 2021).

Autores como Santos (2000) e Rolnik (1993) nos convidam a repensar o ensino das ciências a partir da crítica à neutralidade científica. O corpo, longe de ser apenas um



objeto biológico, é um campo de experiências atravessado por afetos, relações sociais e disputas de poder. Quando o currículo ignora essas dimensões, ele reforça exclusões e impede que estudantes reconheçam a pluralidade de suas vivências.

A ausência de um ensino que contemple essas questões resulta na falta de acolhimento, impactando a forma como estudantes LGBTQIA+ se sentem representados na escola. Ao restringir os debates sobre sexualidade a momentos específicos — como nas aulas sobre sistema reprodutor —, o currículo desconsidera a complexidade das experiências e identidades dos sujeitos.

Compreender o currículo como espaço de conflito e negociação (Sacristán, 2013) exige que o ensino de Biologia seja capaz de ir além da reprodução de normas e abra espaço para práticas que acolham a diversidade. Preciado (2020) defende a criação de novos modos de compreender os corpos e as identidades, rompendo com modelos hierárquicos e excludentes.

Como destacam Zerbinati e Bruns (2017), investir na formação continuada de professores/as é fundamental para que a escola se torne um espaço de escuta, acolhimento e debate qualificado sobre sexualidade e diversidade, superando tabus e preconceitos ainda presentes nas práticas pedagógicas. Reafirma-se, assim, a urgência de um ensino de Biologia que reconheça os corpos em sua totalidade — biológica, cultural, afetiva e política —, capaz de romper com invisibilizações históricas e promover uma educação emancipatória.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A ausência de um ensino que contemple as questões relacionadas a gênero, sexualidade e corpos não normativos resulta na falta de acolhimento, impactando a forma como estudantes LGBTQIAPN+ se sentem representados na escola. Ao restringir os debates sobre sexualidade a momentos específicos — como nas aulas sobre sistema reprodutor —, o currículo desconsidera a complexidade das experiências e identidades dos sujeitos.

Compreender o currículo como espaço de conflito e negociação (Sacristán, 2013) exige que o ensino de Biologia seja capaz de ir além da reprodução de normas e abra espaço para práticas que acolham a diversidade. Preciado (2020) defende a criação de



novos modos de compreender os corpos e as identidades, rompendo com modelos hierárquicos e excludentes.

A oficina desenvolvida evidenciou o potencial transformador de práticas pedagógicas que valorizam a escuta, o diálogo e o reconhecimento da diversidade. A atividade inicial de acolhimento, mediada por imagens e objetos simbólicos, possibilitou aos participantes a expressão de suas identidades e pertencimentos de forma segura, promovendo um ambiente de confiança e respeito mútuo. Esse momento revelou experiências marcadas por exclusão e invisibilização, mas também por resistência e afirmação de si.

A etapa de análise de livros didáticos de Biologia destacou a presença reduzida e superficial de conteúdos relacionados a gênero, sexualidade e diversidade corporal. Observou-se a predominância de abordagens normativas e biologizantes, com ausência de problematizações críticas sobre corpos dissidentes. Tal constatação gerou reflexões relevantes sobre a responsabilidade docente na mediação de saberes e na construção de um currículo mais inclusivo.

A dinâmica do “filme-carta” permitiu a emergência de narrativas potentes sobre vivências escolares. As cartas revelaram sentimentos de não pertencimento, apagamento e ausência de representatividade nas aulas de Biologia. A escuta sensível e o registro dessas experiências evidenciaram a urgência de repensar o currículo e as práticas pedagógicas a partir das vivências dos sujeitos.

De modo geral, os resultados apontam para a importância de iniciativas que articulem o ensino de Biologia às dimensões sociais, culturais e afetivas dos estudantes, contribuindo para a construção de um espaço educativo mais plural, acolhedor e crítico.

Os relatos dos/as participantes reforçam a percepção de que, como apontam Zerbinati e Bruns (2017), a ausência de espaços formativos voltados ao debate sobre sexualidade contribui para a reprodução do silêncio e da desinformação, afetando diretamente as experiências escolares de sujeitos LGBTQIAPN+.

A iniciativa buscou criar estratégias pedagógicas que ajudem professores/as do ensino médio a repensar suas práticas e incorporar, nas aulas de Biologia, discussões sobre gênero, sexualidade e diversidade corporal, reafirmando-se, assim, a urgência de



um ensino de Biologia que reconheça os corpos em sua totalidade — biológica, cultural, afetiva e política —, capaz de romper com invisibilizações históricas e promover uma educação emancipatória.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões e experiências vivenciadas na oficina revelaram a importância de criar espaços pedagógicos que acolham as diversas formas de ser, existir e aprender. A atividade permitiu aos participantes não apenas refletirem criticamente sobre o currículo de Biologia, mas também compartilharem suas vivências marcadas por silenciamentos, exclusões e resistências. O acolhimento, a escuta ativa e o diálogo horizontal foram fundamentais para a construção de um ambiente seguro, onde a subjetividade e a afetividade puderam ser reconhecidas como dimensões essenciais da aprendizagem. Ao integrar estratégias como o ensino por investigação e o uso do cinema, a oficina contribuiu para uma prática educativa mais sensível às questões de gênero, sexualidade e diversidade corporal.

Essas vivências apontam para a necessidade de reconfigurar o ensino de Biologia, superando uma abordagem estritamente conteudista e biologizante. É fundamental que o currículo dialogue com os contextos socioculturais dos estudantes e promova uma formação crítica, emancipadora e inclusiva. O compromisso com a dignidade humana, o respeito às diferenças e a valorização das múltiplas existências deve orientar a atuação docente e as políticas educacionais. Nesse sentido, a oficina reafirma o potencial transformador da educação quando esta se abre à escuta, à pluralidade e ao enfrentamento das opressões que historicamente atravessam os corpos dissidentes.

## REFERÊNCIAS

FREITAS, F. A.; PINTO, F. M. V.; PIMENTA, L. C. BNCC e o ensino de Ciências: tensões e desafios. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, v. 21, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/24877>. Acesso em: 17 abr. 2025.



NASCIMENTO, M. I. C.; CHIARADIA, A. A sexualidade no currículo escolar: limites e possibilidades. In: LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 7. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 101–114.

ESQUINSANI, L. F.; SOBRINHO, A. S. Silenciamento de debates de gênero e sexualidade na BNCC: um olhar crítico. *Educação & Realidade*, v. 45, e109352, 2020.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, M. Aula de 22 de janeiro de 1975. In: *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 77–91.

PRECIADO, P. B. *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. São Paulo: n-1 Edições, 2020.

ROLNIK, S. *A nervura do real: imersões sobre o tempo presente*. São Paulo: Iluminuras, 1993.

SACRISTÁN, J. G. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

SANTOS, B. S. *Um discurso sobre as ciências*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, T. T. da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SILVA, M. V. Hermafroditas e intersexuais: monstruosidades do passado ou sujeitos do presente? In: FERREIRA, D. A. M. (Org.). *Corpo e currículo: por uma educação das diferenças*. Campinas: Papyrus, 2021. p. 75–94.

SILVA, C. C.; SOUZA, M. S.; SANTOS, E. M. Diversidade e currículo de Ciências: uma análise da BNCC. *Revista de Ensino de Ciências e Matemática*, v. 14, n. 2, p. 45–60, 2023.

ZERBINATI, N. C.; BRUNS, M. A. M. Sexualidade e escola: contribuições de um grupo de estudo com professoras. *Revista Retratos da Escola*, v. 11, n. 21, p. 76–91, 2017.